

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Journal da Tarde

Class.: _____

Data: 04.09.80

Pg.: 19

190

Veja quem
espancava na
Freguesia:
um tenente
da PM.
Página 13



Os índios caiapós explicaram ao delegado da Funai em Belém por que fizeram um massacre em uma fazenda no sul do Pará, na tarde de segunda-feira (morreram 17 pessoas, entre elas três mulheres e três crianças, o que intrigou os sertanistas): “Os índios só atacaram os brancos porque foram feridos com faca e machado”. Palavras do cacique Kanhoco (foto). Página 3.

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *Jornal da Tarde*

Class.: 23

Data: 04.09.80

Pg.: 13

ASSIM OS CAIAPÓS MATARAM

Os caciques Kanhoco e Poropoti contam como foi que os índios Caiapó mataram 17 pessoas, segunda-feira, no Sul do Pará. E dizem que só fizeram isso depois que dois dos índios foram feridos pelos brancos.



O cacique Kanhoco explica: "Os índios só atacaram porque foram feridos".



Poropoti e Kanhoco, os dois caciques Caiapós.



Esta é a aldeia Gorotire, onde vivem mais de 500 índios.

Os índios Caiapós realmente atacaram diversos colonos na segunda-feira à tarde, versão que eles próprios confirmaram ontem a jornalistas e ao delegado da Funai em Belém do Pará, Paulo César Abreu (foram 17 os mortos — 11 homens, três mulheres e três crianças). Mas eles dizem que tiveram um motivo para fazer isso: os ocupantes da fazenda Espedilha, onde houve o massacre, feriram antes dois dos índios com golpes de faca e de machado.

O delegado da Funai foi até a área indígena onde os Caiapós vivem — no sul do Pará, na aldeia dos Gorotire — junto com cinco policiais armados com metralhadoras. E confirmou que eram 105 os índios que mataram os colonos a golpes de borduna.

O problema com os proprietários da fazenda teve início em junho, quando a Funai tomou conhecimento de que os desmatamentos feitos por várias fazendas estavam invadindo a área dos Gorotire. A Funai interditou essas áreas mas, nas últimas semanas, os índios ficaram sabendo que 600 peões e fazendeiros haviam retornado à região e reiniciado as queimadas. Na sexta-feira passada os índios estiveram na fazenda Cumaru e foram informados de que 1.800 homens estavam se dirigindo para a área a fim de apoiar o trabalho dos fazendeiros.

Na segunda-feira, os índios prepararam uma expedição para apurar a informação. Mas, quando chegaram à fazenda Espedilha — uma das seis que atualmente invadem a reserva indígena —, foram repelidos pelo capataz Jones, que teria dito que a questão seria resolvida na ponta de sua arma, que estava apontada para os índios.

A história é contada pelo cacique Poropoti, também delegado junto aos índios. Nesse instante, segundo ele, os Caiapós tomaram a arma do capataz, mas uma mulher feriu o índio Ireo com uma facada na barriga, e outro Caiapó, Mecolca, recebeu uma pancada na cabeça. A partir daí, eles teriam atacado todas as pessoas que estavam na sede da fazenda e também alguns peões que chegaram para defender o lugar. As vítimas foram mortas a golpes de borduna e depois, segundo o delegado da Funai, Paulo César, receberam "tiros de misericórdia".

Ontem, apesar do clima de tensão, os índios celebraram os rituais de guerra no pátio da aldeia. Dançaram toda a noite de terça para quarta-feira, e depois do almoço banharam-se no rio Fresco, retirando parte da tinta preta com a qual se pintam para as missões guerreiras. Durante oito dias, os participantes do massacre não poderão entrar em suas malocas, para evitar os "maus espíritos".

O índio Kanhoco, capitão e cacique dos Caiapós — apesar da afirmação feita pelo delegado da Funai de que os índios não queriam falar com a imprensa — declarou

que eles foram à fazenda sem intenção de atacar. "Os índios só atacaram os brancos porque foram feridos com faca e machado", disse ele.

A situação na área dos Caiapós, envolvendo a invasão de suas terras, é grave também na reserva dos Xicrin, onde na quinta-feira passada só não ocorreu um massacre por causa da presença de funcionários da Funai no local. Os índios aprisionaram oito pessoas que trabalhavam na fazenda Gran Reata, mas a Funai interditou a fazenda e libertou os prisioneiros, que foram detidos pelos índios quando desembarcavam de dois aviões no interior da reserva.

Em Belém, sertanistas e antropólogos ainda estranham que os índios Caiapós tenham assassinado mulheres e crianças, uma prática jamais registrada entre a tribo Gorotire. Segundo um deles, os índios costumam raptar as mulheres e as crianças, ou, muitas vezes, simplesmente não as incomodam.

Tentando dar uma explicação para o ataque dos índios, um antropólogo comentava que o acontecimento pode ter sido causado tanto pela imprudência dos brancos, que desafiaram a disposição dos Caiapós de impedir a invasão de sua reserva, como pela falta de atenção da Funai.

OUTROS CONFLITOS?

Se a Funai não impedir que seja iniciada a exploração de minérios na serra Surucuru, área dos índios Yanomani, entre Roraima e Amazonas, poderá haver sérios conflitos no local, na suposição de indigenistas. Existem ali de 10 a 12 mil índios, mas a Funai, em 1978, quando era presidente Ismarth de Oliveira, concedeu 10 alvarás para três subsidiárias da Docege, empresa ligada à Companhia Vale do Rio Doce, exatamente para aproveitamento das áreas mais povoadas.

Até o momento os trabalhos dessas empresas ainda não foram iniciados, mas entidades ligadas à proteção dos índios temem que isso ainda ocorra, pois os alvarás têm validade até agosto de 1981. Os índios Yanomani vivem numa grande área na divisa do Território de Roraima com o Estado do Amazonas, que vai até a divisa da Venezuela.

O governo federal pretende criar nessa região um parque nacional, já prometido pelo ministro Mário Andreazza, do Interior, e pelo presidente da Funai, coronel Nobre da Veiga.

A fotógrafa Cláudia Andujar, coordenadora da comissão pela criação do Parque Yanomani, disse ontem em Porto Alegre que os alvarás foram concedidos de maneira ilegal pelo antigo presidente da Funai, já que somente o presidente da República, de acordo com a Constituição, pode conceder esse tipo de documento para áreas indígenas.